

BOLETIM DO MUSEU DE BIOLOGIA

PROF. MELLO LEITÃO
SANTA TERESA — E. E. SANTO — BRASIL

SÉRIE ZOOLOGIA — Nº 78 — 10/III/75

AVES DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Augusto Ruschi
Museu Nacional

Algumas observações sobre: **ORYZOBORUS CRASSIROSTRIS**
MAXIMILIANI Cabanis, 1851

Oryzoborus maximiliani Cabanis, 1851, Mus. Hein., I, p. 154.

NOME VULGAR LOCAL: BICUDO.

NOME INGLÊS: LARGE-BILLED SEED-FINCH.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Atualmente no E. Santo ainda é encontrado em pequeno número nas baixadas dos Rios e lagoas do São Mateus, Doce, Itaúnas e Barra seca; nas lagoas de Suruáca, Macuco e Cupido na RESERVA BIOLÓGICA DE SOORETAMA.

CARACTERÍSTICAS: Comprimento 145mm. Aza 78mm. Cauda 83mm. Bico 12mm. Peso 20grs. A fotografia da estampa em cores que ilustra o presente trabalho, foi feita pelo autor, em seu habitat natural, na RESERVA BIOLÓGICA DE SOORETAMA, com máquina NIKON F, com teleobjetiva de 300mm., é de um macho adulto, pousado num ramo de pitangueira (*Eugenia uniflora* L.)

Macho todo preto lustroso. Azas com espelho e coberteiras inferiores brancas. Bico branco ligeiramente azulado. Tarsos e pés também branco azulados.

Fêmea marron terra, sendo mais claro no abdômem. Bico pardo-sépia escuro; tarsos e pés cinza enegrescidos.

**BIOTOPOS PARA: NIDIFICAÇÃO, BANHO, DESCANÇO,
CANTO, DORMIR, etc.**

O Bicudo escolhe um local para construção do ninho, entre uma forquilha de um arbusto, onde possa ficar abrigado da chuva, e sua construção tem a participação do casal, sendo a fêmea muito mais do que o macho. O ninho é feito com pequenas raízes, sendo estas mais finas na parte interna, forrando a câmara oológica, onde também estão algumas palhas finas de gramíneas secas e por vezes alguma pena da

própria fêmea. Mede o ninho 10 cms. de diâmetro, por 4 cms. de altura, e está suspenso a 1,5 até 3 ms. de altura do solo, na sua área ou território. Sempre a postura consta de dois ovos de coloração marron-pardo claro e creme, com maculas pequenas irregulares enegrescidas e escuro pardacentas, medindo 21 x 15mm. em seus eixos e pesam 2,3 grs. cada. Durante a incubação e por várias vezes durante o dia, o macho leva comida para a fêmea no ninho e lhe dá no bico, mas, a fêmea ao deixar o ninho, como é de costume, para buscar insetos ou sementes, e para a higiene, logo o macho vai até ao ninho e apenas se limita a olhar para dentro do ninho, virando de um e outro lado a cabeça, e após se retira. Quando chega ao ninho para alimentar a fêmea costuma fazer um chiado baixinho bem característico. A incubação se faz durante 13 dias, quando nascem os filhotes, e estes deixam o ninho após vinte dias de idade e acompanham os pais de quem recebem alimento por vários dias. Os jovens têm a coloração predominante da fêmea ou seja, marron terra, e o macho até aos dezito meses conserva essa coloração, quando então já traz as coberteiras inferiores da aza brancas e inicia a muda para a coloração negra de sua plumagem. O banho do bicudo é tomado em locais de água limpa e seguro, em poças rasas no córrego ou a margem do rio, lago etc., ele mergulha por várias vezes, sacudindo o corpo e as azas, para melhor penetração da água, e após vóa para um poleiro próximo, a média altura, onde realiza a higiene da plumagem durante vários minutos.

DESCANÇO, sempre ha um lugar preferido para o pouso de descanso, onde o bicudo passa horas seguidas após estar alimentado, e aí toma seu banho de sol, e entõa seu canto que é muito melodioso e de sonoridade variável e forte. Emitem o canto de estálo, que se caracteriza por frases curtas, com tons altos e baixos, e pode ser repetidas por 3,4 e mais vezes, e o canto de flauta, que é constituído de frase muito longa e pode ser repetida por muitas vezes seguidas, com duração de até cinco ou mais minutos, sem que se observe variação pronunciada no fraseado, como não acontece no canto de estálo, onde é notória a diferenciação da tonalidade. A fêmea também tem canto fraseado melodioso, porém é menos audível e muito mais baixo do que o canto do macho.

É esta espécie considerada uma das aves mais canoras do Brasil e das mais preferidas pelos ornitofilos, e graças a eles, já vem sendo reproduz.da em cativeiro com bastante sucesso, tanto em gaiolas de tamanho grande, como em viveiros com 3 x 2 x 2 metros, respectivamente de comprimento, largura e altura. Nesse caso a alimentação se constitui de: Alpiste, painço, canhamo, espigas de capins diversos, couve, ovo cosido, pão com leite, osso de baleia e ração para canários, além de arroz em casca e giló. Quando com filhotes jovens e em crescimento é imprescindível dar insetos e larvas de **Tenebrio**, etc. assim pode realizar seguidamente duas ou mais próles, como o faz anualmente em natureza. No viveiro, ao invéz de ninho pré-construído, em parte, se coloca o material para que eles o construam totalmente, pois que no viveiro já deve estar plantada uma planta arbustiva, como uma pitangueira, ligustrum, etc. de porte até um e meio metro de altura, e ter



Oryzoborus crassirostris maximiliani

♂ Bicudo -

em seu interior no solo, água corrente ou uma poça em cimento, onde possa ter água a uma profundidade no centro de 3 cms. e nos lados uma suave rampa, basta ter 35 a 40 cms. de diâmetro, ao nível do solo. O chão em parte deve ser plantado com grama fina e rasteira, e outra forrada de areia. O Prof. Dr. Paulo Nogueira Neto, em seu livro "A criação de Anímias Indígenas Vertebrados" nos dá muitas informações sobre a criação de bicudo.

No Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, já em 1952 conseguimos reprodução em cativeiro. Para dormir, o bicudo em seu habitat escolhe sempre o mesmo local, num arbusto de seu território, as vezes, bastante longe do local em que se encontra alimentando, assim pude observá-los na Lagoa do Suruáca e no Barra Sêca em SOORETAMA. Território, etc. Os bicudos vivem distribuídos aos casais e possui cada casal seu território bem definido, nas planícies próximas dos lagos, rios e baixadas, onde crescem "Tabuais", Juncáis, e capins aquáticos diversos, como o navalha de macaco, angola, e outros, que lhe dão alimento. Em seu território não permite o macho, a entrada de qualquer outro intruso seja de passagem ou para instalar-se. Na lagoa Suruáca constatamos que em sua volta, a cada Km². viviam no máximo dois casais, o que por si já vem definir a razão de ser rara a espécie, pois mesmo que haja abundância de alimento a belicosidade da espécie faz rarear os indivíduos na área exigida. No E. Santo, é essa área da Lagoa Suruáca que constitui o maior repositório da espécie, mas, o projeto em andamento para a drenagem e aproveitamento da área para a agricultura, irá não só exterminar com o Bicudo, mas também com os milhares de exemplares de jacaré da espécie: *Caiman latirostris*, única espécie que ocorre no E. Santo, também o notável mamífero conhecido pelo nome de Ariranha, *Pteronura brasiliensis brasiliensis*, além da destruição total da Capivara, cuja população ali é muito numerosa e não se trata de espécie ameaçada de extinção, mas os restantes Tamanduás-bandeira, *Myrmecophaga tridactyla* serão também dizimados, juntamente com um número elevado de espécies de aves ribeirinhas e aquáticas. Como se trata de um lago de restinga, com mais de duzentos e quarenta quilômetros quadrados, para o qual lutamos em 1942, a fim de incorporá-lo à RESERVA DE SOORETAMA, a fim de com esta termos estendido até ao Oceano sua área, com a preservação então de área de Restinga, e dispensando então a área que em 1953 foi criada para a RESERVA BIOLÓGICA DE COMBÓIOS. Assim, é com tristeza que vemos mais uma área natural de equilíbrio ecológico permanente, quando drenada irá perigar o equilíbrio ídrico na região cacauieira da margem esquerda do Rio Doce, que estão mais próximas da fóz. Outro fator importante é o de que os projetos agrícolas a serem implantados na área que será drenada, onde grupos interessados na especulação imobiliária já se movimentaram, requerendo mesmo ainda a área em água... mas, o Governo do Estado nem se quer pensou na possibilidade premente de ali alojar as famílias remanescentes de posseiros alijados das áreas ocupadas pela ARACRUZ CELULOSE e mesmo as famílias de muitos Tupiniquins, que já visitavam esses locais ainda antes de Pedro Álvares Cabral chegar ao Brasil, e agora, saqueados em suas ter-

ras por essa Cia. vivem perambulando, enquanto aguardo uma melhor solução da FUNAI, que espero seja a mais digna e meritória, pois em sua frente se encontram homens que realmente desejam dar guarida ao II Plano Nacional do Desenvolvimento e valorização do homem. Eles conservaram a natureza selvagem, porque não a encararam só pelo lado utilitário, pois sentiram através de milênios, por exemplo de seus ancestrais, que ela é sem dúvida a melhor garantia de salvação para a humanidade e também porque ela é bela e faz parte intrínseca de sua vida. Eles dizem sempre que antes do homem ter chegado a Terra, já um mundo diferente ou semelhante estava vicejando, e por isso não nos é justo que se destruam as espécies animais e vegetais, da maneira como ocorre no E. Santo.

SUMMARY

In the present paper the author after turn on considerations about bird **LARGE-BILLED SEED-FINCH**, deplore the present condition why it is seriously threatnet of the extinction in E. Santo area. The author has been prevised your survival only at the **SOORETAMA BIOLOGICAL RESERVE**. Describes some observations of biology of the **ORYZOBORUS CRASSIROSTRIS MAXIMILIANI**, and studied in their natural habitat in E. E. Santo; describes some observations of the Behavior in: Nesting, whashing, fiding, etc. and include one color plate, en natural size.

BIBLIOGRAFIA

- 1938 — PINTO, O.M. de O. — Cat. Av. do Brasil 1ª Parte. Dep. Zool. S. Paulo.
- 1954 — RUSCHI, A. — Algumas espécies Zoológicas e Botânicas em vias de extinção no E. E. Santo. Método empregado para a sua prospecção e para o estabelecimento de área mínima para a perpetuação da espécie em seu habitat natural.
- 1966 — SCHAUENSEE, R.M. de — The Species of Birds of South America with their distribution. The Ac. of Nat. Sci. of Philadelphia.
- 1967 — RUSCHI, A. — Lista das Aves do E. E. Santo, Bol. Mus. B.M.L. Zool. nº 28A.
- 1973 — NOGUEIRA, NETO P. — A criação de animais indígenas vertebrados. Ed. Tecnapis. S.P.